

Surfar para sair da crise

O surf e a variedade única de ondas em Portugal podem ajudar o turismo português e valer milhões de euros todos os anos. Há quem já aposte nisso – Peniche, Ericeira, Açores. Mas falta uma estratégia nacional. Apesar de o país já ter perdido ondas únicas por causa de erros, é ainda “um dos melhores sítios de surf do mundo” e pode ser o melhor da Europa. É urgente não estragar.

Texto Alexandra Prado Coelho Fotografia Pedro Cunha



Do outro lado da linha telefónica, a voz de Sérgio Nunes, economista e surfista, soa com grande convicção: “Portugal é um dos melhores sítios de surf do mundo. Há poucos países que tenham em tão pouca costa uma diversidade e qualidade de ondas como a nossa.”

Dias mais tarde, outra conversa, desta vez com Pedro Bicudo, responsável do SOS Salvem o Surf, e a mesma certeza: “A maior parte dos jovens europeus pratica esqui ou *snowboard*. Foi feito um inquérito e 95 por cento desses jovens disseram que gostariam de experimentar o surf, que é a transposição para a água dos desportos de neve. E o país com melhores condições de clima e ondulação é Portugal.”

“A indústria de surf no Sul de França – que é a capital do surf na Europa – rende mil milhões por ano”, diz ainda Bicudo. “E poderia vir para Portugal, onde temos um melhor clima, que torna o surf possível todo o ano.”

E depois, nos Açores, sentados no escritório de Pedro Arruda, delegado de Turismo de São Miguel: “O surf é uma das actividades com maior notoriedade a nível mundial. O Governo regional dos Açores investe 200 mil euros no apoio a um campeonato [o Azores Island Pro, prova do circuito mundial de surf da ASP – Association of Surfing Professionals] que deixa na região perto de um milhão de euros. Para não falar no capital promocional. Estamos a falar da criação de riqueza directa, e que parte de uma coisa que já lá está, as ondas.”

Pedro Bicudo, que para além do SOS Salvem o Surf é também docente e investigador do Instituto Superior Técnico, e Ana Horta, também do Técnico, fizeram contas. Num estudo de 2009 concluem que o surf podia render três mil milhões de euros por ano ao sector do turismo em Portugal – a ideia é que cada turista que faça surf poderá gastar mil euros por semana, e acreditam que há potencial para virem 60 mil turistas por semana.

Em Portugal, dizem, havia já em 2009 cerca de 60 mil praticantes regulares, e “o crescimento é exponencial, duplicando todos os dez anos”. A tendência é para continuar a aumentar – citam o exemplo da Austrália onde já 14 por cento da população pratica surf.

Será assim? Numa altura em que se fala tanto de um “*cluster* do mar”, deverá o surf ser olhado como uma área em que Portugal devia apostar a sério, com um Plano Estratégico Nacional, como propõe Sérgio Nunes? Em plena crise económica, poderão as ondas ajudar a salvar o país?

Decidimos ir ver – Ericeira, em primeiro lugar, por ser desde Fevereiro uma das três únicas reservas de surf do mundo (classificação dada pela coligação Save the Waves, que em 2009 criou as World Surfing Reserves e que reconhece, para além da Ericeira, Manly Beach, na Austrália, e Santa Cruz, nos Estados Unidos). Peniche, em seguida, por ter conseguido trazer para Portugal a prova do campeonato do mundo, o Rip Curl Pro Portugal (ASP World Tour, este ano de 15 a 24 de Outubro), e por ter criado uma “marca”: Peniche, Capital da Onda. E

finalmente os Açores, que atraíram uma prova importante, e querem promover-se como um destino turístico para a prática do surf.

Antes de irmos, só mais dois factos: Portugal é, juntamente com a França, um dos dois únicos países europeus a ter uma prova do campeonato do mundo; e o único país da Europa com duas provas do campeonato ASP Prime Events, na Ericeira e em São Miguel. De resto, as grandes provas acontecem no Brasil, Austrália, Estados Unidos, África do Sul, os grandes destinos mundiais do surf.

Partimos.

Ericeira, Reserva de Surf

Ulisses puxa os caracóis para trás e faz contas de cabeça. “Ando aqui há 32 anos”, calcula. “Aqui” quer dizer a fazer surf. “Em 1973 éramos uns dez surfistas na zona de Lisboa. Começámos em Carcavelos, depois na Costa de Caparica, e conhecemos uns australianos que vinham de Marrocos e já faziam surf aqui.” Em Portugal não se vendiam pranchas, por isso os portugueses compraram as dos australianos quando estes se foram embora. “Nem fatos tínhamos. De Inverno fazíamos surf com camisolas de lã preta.”

Eram os tempos em que o surf era visto “como um desporto de drogados” – e a heroína matou de facto alguns dos amigos de Ulisses. Estrangeiros, vinham poucos. Alguns australianos, nada mais. Só nos anos 1990 é que as coisas começaram a mudar. Ulisses entretanto partiu, viveu 15 anos na Austrália e foi aí que percebeu que abrir uma escola de surf podia ser uma boa ideia.

Hoje vive na Ericeira, onde abriu a Gipsy on the Move, e, desde Janeiro, a Blue Ocean, uma parceria com a Câmara de Mafra. E tem um *surf camp*, onde oferece um programa para estrangeiros que inclui desde os transferes do aeroporto, aulas, refeições e estadia – numa quinta antiga, com mais de 200 anos, com um pomar, muitas camas-beliche e um patiozinho para comer cá fora. “De Verão tenho mais iniciados, de Inverno tenho outro tipo de cliente, que já sabe fazer surf mas quer um guia.”

As escolas de surf foram nascendo na Ericeira como cogumelos. Uma das grandes marcas mundiais, a Quiksilver, patrocina o mais famoso surfista português, o campeão Tiago Pires, mais conhecido como Saca, e abriu agora um grande espaço na Ericeira, com loja, bar, *lounge*, *skate park* e uma escola de surf apoiada por Tiago Pires.

Ulisses não tem dúvidas sobre o valor da zona. “As melhores ondas do país estão aqui, em quatro quilómetros: Pedra Branca, Reef, Ribeira d’Ilhas, Cave, Crazy Left, Coxos, que é uma das melhores ondas desta costa, e São Lourenço, que para ondas grandes é uma das melhores áreas do país.” Lamenta que só há pouco tempo é que as pessoas “tenham começado a abrir os olhos” para este potencial. “Perdemos já em relação a outros sítios do mundo.”

E mesmo assim... chegamos ao centro da Ericeira e só se vêem lojas de produtos ligados ao surf. Ulisses tinha-nos dado o contacto de Nuno Ribeiro, da Board Culture, marca portuguesa, confortavelmente instalada entre as grandes marcas internacionais. Entramos na loja. “A marca teve um crescimento tão grande que nos surpreendeu”, confessa Nuno, enquanto



atende um cliente que procura uns óculos escuros. Têm lojas na Ericeira e em Carcavelos e há quatro anos que Nuno se dedica a tempo inteiro ao negócio.

Há seis anos, não imaginavam que as coisas evoluíssem assim. “Tivemos a sorte de ter na nossa década o melhor surfista [Tiago Pires] e isso trouxe um *boom* ao surf, com as grandes marcas a apostar nele. Mas estamos atrasados em relação à França e a França está atrasada em relação aos EUA e à Austrália”, diz. No entanto, tem (também ele) uma certeza: “Não há na Europa sete quilómetros como estes. Quem faz surf sabe disso. O que é preciso agora é chegar aos outros. A Ericeira vila piscatória ou do marisco já foi ultrapassada pela Ericeira do surf. Já nos chamaram a Gold Coast da Austrália, ou a Califórnia – nenhum outro país da Europa tem isto.”

Se as grandes marcas dominam, por exem-



plo, o mercado dos fatos, já com as pranchas as coisas são diferentes. Ter uma prancha feita em Portugal é garantia de ter uma prancha personalizada. E, aliás, isso que fazem os Budd, pai e filho, sul-africanos instalados numa pequena fábrica perto da Ericeira.

Quando chegamos, só está o pai, Cyril, 58 anos, bem-disposto, aperto de mão enérgico, inglês com sotaque sul-africano. “O meu filho é que é o *shaper*”, vai dizendo, enquanto nos leva para o interior da fábrica e conta que quando era miúdo e vivia na África do Sul tinha pouco dinheiro e começou a fazer as suas próprias pranchas, no quarto de casa dos pais. Mais tarde abriu um negócio em Durban, depois em Espanha, e agora Portugal.

O filho, Luke, está para chegar. Vamos conhecendo a máquina computadorizada com a qual Luke desenha as pranchas. “Portugal tem o melhor surf da Europa”, garante Cyril. “Há

muita gente a vir de toda a Europa, sobretudo do Norte, e muitos americanos também.”

Luke aparece, caracóis loiros, olhos claros, bronzeado dos dias de praia e surf. Explica o que os clientes esperam de uma prancha: “Normalmente querem que seja rápida, fácil de virar, adequada ao peso deles. Aparecem aqui com uma prancha de que gostam, dizem o que não funciona e eu tento aproveitar os pontos bons e melhorar os maus.” Na África do Sul, Luke chegou a ficar em 5.º lugar num campeonato de surf. E o que tem para dizer da Ericeira é aquilo a que, por esta altura, já nos habituámos a ouvir: “É a melhor costa da Europa. Aqui, em 30 minutos de bicicleta, temos oito bons sítios para fazer surf. Ericeira is *very unique*.”

António Batalha, 18 anos, sabe isso desde pequeno. Nasceu aqui, o pai foi “um dos primeiros a fibrar pranchas” e ele aos dez anos

Na página anterior, a praia dos Coxos, na zona da Ericeira, uma das ondas mais distintas da costa portuguesa

O Baleal, em Peniche, já é um ponto de entrada para os turistas que procuram *surf holidays* e as escolas da modalidade

começou a andar nas ondas. “Para mim, foi muito bom porque o surf acalma muito.” Estamos sentados no pátio da casa, o mar lá ao fundo e António está a contar como ao princípio teve aulas com Ulisses. Há já três anos que dá aulas também. Gosta sobretudo de ensinar as crianças – como aquela menina que “no início nem conseguia pôr os pés na água”, mas que António conseguiu que “fizesse uma onda, em pé, sozinha”.

O surf mudou a Ericeira, isso é certo. Mas até onde poderá ir? “Não há muito tempo a vila era dividida e os de um lado andavam à pancada com os do outro”, recorda. “Somos um país que sobrevive graças ao turismo, e o turismo ligado ao mar. Acho que é positivo e deve ser aproveitado ao máximo. Se era para transformar isto num segredo, num milagre do surf, isso era há algum tempo. Já passámos essa fase. Agora devemos aproveitar o melhor possível.”

Como fez Peniche, por exemplo, ao apresentar-se como a Capital da Onda. O caminho é por aí, acredita António. “Mas se continuarmos a usar *slogans* do tempo da monarquia, como ‘Ericeira, onde o mar é mais azul’, não conseguimos atrair a juventude.”

Peniche, Capital da Onda

O céu está cinzento e ainda há pouco caiu uma chuva miudinha. Mas isso não impressiona a suíça Özlem, nem as duas russas Aliona e Nadia que, de casacos vestidos, ouvem, sentadas nas escadas da escola de surf do Baleal Surf Camp, uma aula teórica. O instrutor segura na mão um pequeno quadro de ardósia preta e com giz vai mostrando a forma das ondas e o que se pretende que os principiantes façam quando se tentarem pôr em pé nas pranchas.

As duas amigas russas, vindas de um país onde “não há grandes ondas”, tinham primeiro posto a hipótese de irem para Espanha, mas depois de pesquisarem na Internet acharam que aqui havia “melhores condições e melhor preço”. “Fizemos a boa escolha”, dizem, enquanto vestem os fatos, preparando-se para ir para a água. Özlem, suíça de origem turca, concorda que “principalmente nesta altura do ano Portugal é bom para surfar” e as alternativas que chegou a colocar – França ou Marrocos – só são viáveis “depois de Outubro”.

Bruno Barros, o proprietário do *surf camp*, sabe que os estrangeiros são uma aposta segura. É um daqueles surfistas que começaram nos anos 1970, quando ainda muito poucos pensavam em surf em Portugal (mesmo assim é já da segunda geração de surfistas da zona – os primeiros começaram ainda na década de 1960). “Sou de Lisboa, mas tenho uma casa aqui desde os meus avós. Ainda me lembro de quando se atravessava para o Baleal de burro e chamávamos ao lado de cá ‘o continente’. Depois comecei, como passatempo de Verão, a dar aulas às crianças do Baleal.”

Isto foi no início dos anos 1990 – em 1995, voltou-se para os turistas, aos quais oferece um pacote com alojamento, aulas e equipamento. “Nessa altura já começava a haver surfistas a virem para cá. Existe um mercado com imenso potencial na Europa à espera que lhe ofereçam este tipo de serviços.” Neste momento, 99 por cento dos seus clientes são estrangeiros, e a publicidade é feita pela Internet e por uma série de agentes em vários pontos da Europa, especializados em “*surf holidays*”.

“Portugal tem vantagens comparativas [face aos concorrentes nesta zona, que são Espanha, França, Canárias e Marrocos] e por isso este novo *cluster* económico tem possibilidades de se afirmar como alternativa ao turismo tradicional”, garante. “Nos últimos cinco anos tem-se afirmado não como moda, mas como um tipo de turismo que está para ficar e a criar raízes no tecido económico da zona Oeste.”

O negócio foi crescendo, com um apoio de praia, escola de surf, bar (o Bar do Bruno), e os turistas instalados em alojamentos locais. Bruno chama ao que tem aqui na praia do Baleal, onde estamos a conversar, uma “estação náutica”, algo que, diz, já existe em Espanha e que permite oferecer no mesmo local vários tipos de serviços, desde o apoio náutico a um bar/restaurante, que funciona também como bar dançante à noite.

O risco maior é o crescimento desmesurado – o aumento, sem controlo, das escolas de surf, os surfistas a atropelarem-se nas ondas, sobretudo quando, durante a época balnear, várias praias são apenas para uso dos banhistas e por isso interditas às aulas de surf.

Mas o que neste momento mais preocupa Bruno é a falta de uma visão integrada a nível nacional que, para ele, se traduz num problema muito concreto: quando são feitos os cálculos dos utilizadores para a área de praia que lhe foi concessionada (o que determina a dimensão do apoio de praia que pode ter), só são contadas as pessoas que ocupam a areia. Os seja, os cálculos não incluem os surfistas, o que significa um apoio de praia menor e sazonal. “Não é por estar no mar que o surfista não está a interagir com a praia. E, além disso, há surf todo o ano.”

O Plano de Ordenamento da Orla Costeira para Alcobaça e Mafra, por exemplo, “não tem em conta dinâmicas como o surf” e assim não contribui “para potenciar actividades que são mais-valias para a economia”, lamenta. “Há um quadro legislativo desajustado”, critica Bruno. “E não queremos ouvir os operadores desta área.”

E, no entanto, Peniche tem a vantagem de ter o presidente da câmara mais activo e entusiástico em relação ao surf. António José Correia aparece vindo da praia, bigode já a ficar branco, *T-shirt* do campeonato da Rip Curl, casaco amarrado à cintura. Aponta para as suas próprias costas. “Uma das preocupações que tenho nas relações com a Rip Curl [patrocinadora do campeonato] é que as questões da identidade local sejam valorizadas. Está a ver a sardinha aí na camisola?” De facto, a *T-shirt* que anuncia o campeonato inclui a sardinha – outra imagem de marca de Peniche.

E como é que conseguiu trazer para Peniche uma prova do campeonato do mundo que antes se realizava em Mundaka, no País Basco? “Há um ponto fundamental: ou se tem os recursos naturais adequados ou não se tem. Isso é essencial.” E Peniche tem ondas. Mas há outro factor, que o presidente da câmara explica enquanto come à pressa uma sandes (tem uma reunião daí a pouco na autarquia, e ainda tem de mudar para o fato que traz pendurado dentro do carro): “Antes de ser presidente da câmara, eu já andava com o pessoal do surf. E a Rip Curl é uma marca que já está cá implantada há vinte e tal anos. E vai-se instalar mais daqui a dois anos.” Aponta para

um espaço vazio à frente do bar de praia onde estamos sentados: “Naquele espaço poderá estar a melhor loja da Europa a nível de surf. Estou muito entusiasmado.” Dá uma gargalhada enquanto cumprimenta jornalistas televisivos que também ali foram ter – “este bar hoje é o escritório da câmara”.

Quando ficou à frente da autarquia, lançou a marca Peniche Capital da Onda. “Achava que já tínhamos legitimidade para isso.” Depois a Rip Curl desafiou-o e ele respondeu: “Vamos lá ver onde há dinheiro para isso.” Quando me falam em parcerias público-privadas, acho que não há nada que meta medo. É uma atitude.” E lá foi desencantar o dinheiro (que vem do Turismo de Portugal, embora esta parcela tenha vindo a diminuir, de 500 mil euros para 250 mil, e do grande patrocinador oficial, a TMN, para além, claro, da própria Rip Curl, que entra com 600 ou 700 mil euros num orçamento que é de cerca de um milhão e 600 mil euros).

Depois, é uma questão de trabalho. Em 2009, realizou-se uma primeira prova Pro Search, que funcionou como um teste. “As coisas correram muito bem. Houve ondas gigantes que destruíram as estruturas que estavam na praia.” Às cinco da manhã, o presidente da câmara já estava na praia para ver se estava tudo em condições. “Eles gostaram imenso do meu envolvimento. Disseram que não tinham encontrado isto em mais lado nenhum. Além disso, houve aquilo que eu considero a ‘terça-feira mágica’, que levou os surfistas a dizer que tínhamos de fazer aqui o campeonato do mundo.” António José Correia ficou mesmo conhecido como “*the coolest mayor on tour*”.

Este ano, com a prova marcada para Novembro em Peniche, encerra-se um ciclo de três anos, mas a ideia é conseguir a partir de 2012 um ciclo de mais três. “Em Peniche há o antes do campeonato do mundo e o depois. A procura de alojamento aumentou. Aliás, [durante o campeonato] a capacidade de alojamento esgota em Peniche e tem efeitos para toda a região Oeste. E beneficia aeroportos, agências de viagens, companhias de aviação.”

A câmara, juntamente com o Grupo de Investigação em Turismo do Instituto Politécnico de Leiria, está a fazer um estudo para conhecer o perfil de quem visita Peniche durante a prova (100 mil pessoas em 2009, segundo a organização) e perceber que gastos fazem e que preferências têm, para avaliar o real impacto sócio-económico dos desportos de ondas no concelho.

Uma das conclusões do estudo é a de que o aspecto mais importante para os surfistas quando escolhem o seu destino é a diversidade de ondas que podem encontrar – e aí Peniche tem uma vantagem natural. “No primeiro ano tivemos 6,5 milhões de páginas vistas na Internet durante o período do campeonato – sobretudo de Portugal, Brasil, EUA e Austrália. E nos registos do posto de Turismo começou a verificar-se um aumento dos turistas australianos”, diz o autarca.

E depois há a menina dos olhos de António José Correia: o Centro de Alto Rendimento do Surf, que deverá ser inaugurado em Outubro, a tempo do campeonato (o projecto custa um milhão e 400 mil euros, com uma participação do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e do Instituto do Desporto, que representa →



Dentro e fora de competição, em Ribeira d'Ilhas, portugueses e estrangeiros aproveitaram o Quiksilver Pro em meados de Junho para explorar o mar

Na Ericeira, multiplicam-se as escolas de surf e as principais marcas internacionais escolhem-na para os seus espaços de referência no país

Depois do Pro Search de 2009, os surfistas chamavam ao autarca de Peniche "the coolest mayor on tour"

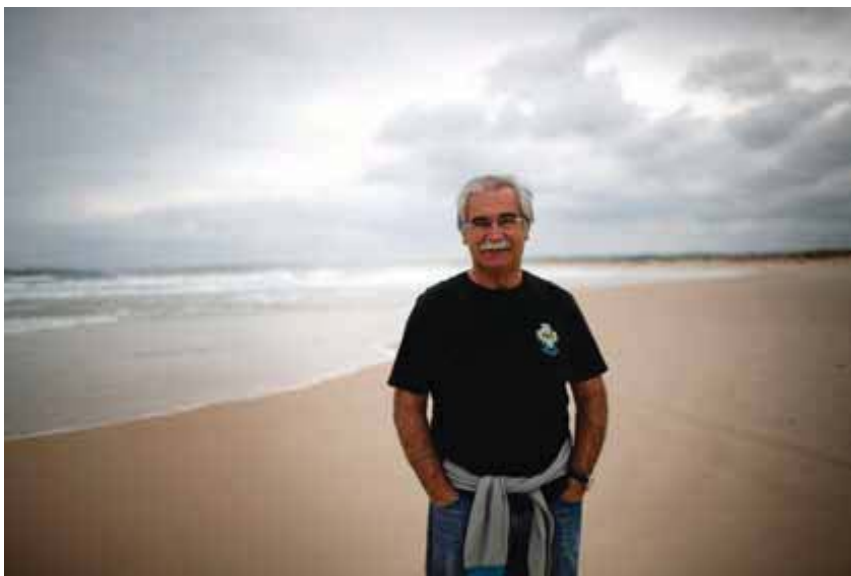


Ondas made in Portugal

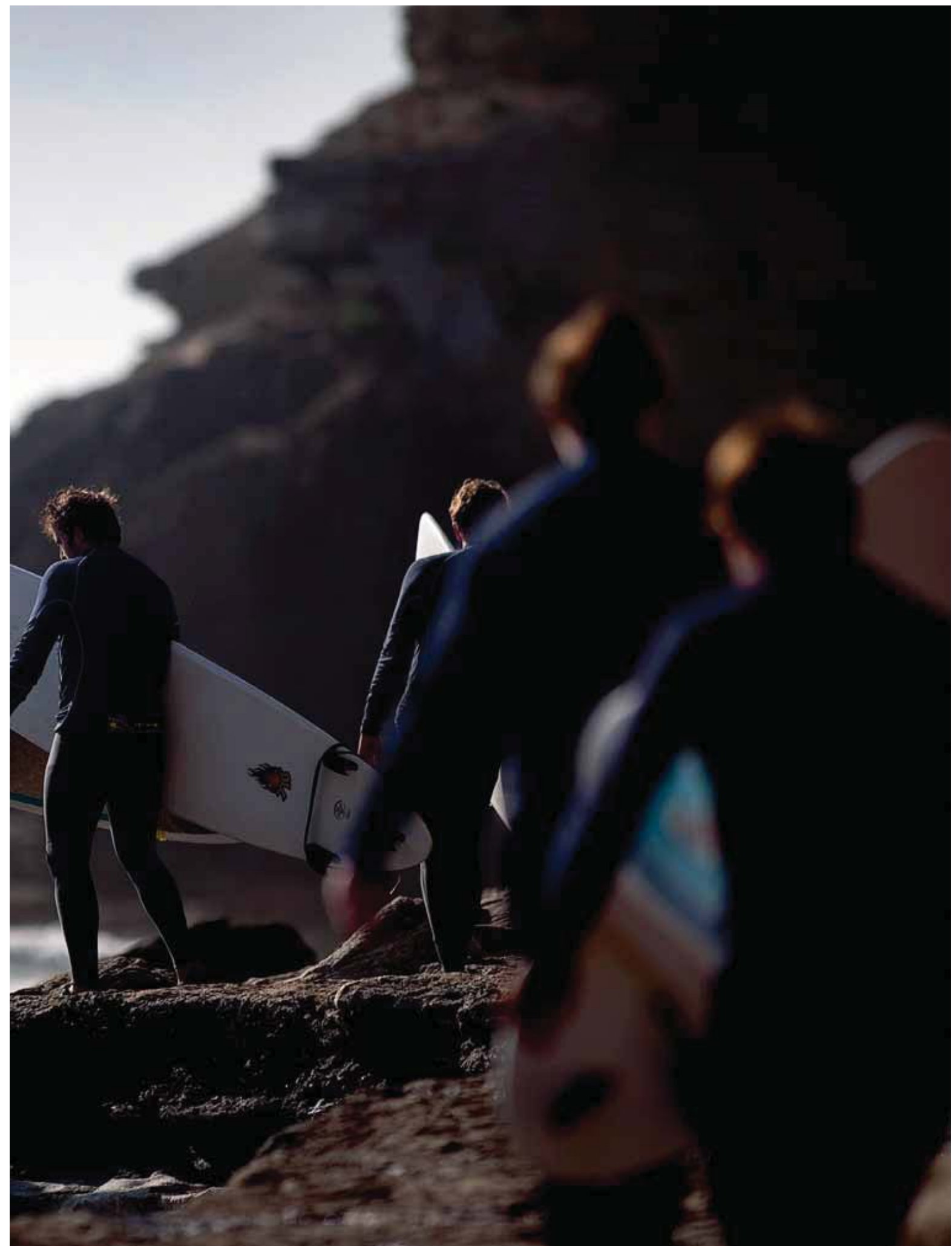
Uma das grandes vantagens da Ericeira é a grande variedade de ondas que é possível encontrar num pedaço de costa relativamente pequeno. Há fundos de areia, os chamados beach break (São Julião, Foz do Lizandro), que são ideais para quem está a começar; e fundos de rocha/point break ou de recife/reef break (na Pedra Branca, onde o swell/ondulação vem de águas profundas, o que torna a onda muito forte, no Reef, e na Ribeira d'Ilhas, uma das ondas mais compridas da região). A Crazy Left, na praia dos Coxos, que quebra sobre uma bancada de pedra, é tubular e é uma das ondas mais admiradas da Ericeira. E há ainda São Lourenço, com fundo de rocha coberta com areia.

Peniche tem a famosa Supertubos, considerada por muitos como a melhor de Portugal, rápida e tubular, com fundo de areia, boa para surfistas experientes, tal como a do Lagido. No Molhe Leste apanha-se também uma onda tubular. Mas, se se for um principiante, o melhor é ir para o Cantinho ou para o Meio da Baía – que começa em Peniche, acaba no Baleal e tem fundo de areia.

Os Açores, com nove ilhas, oferecem também diferentes tipos de ondas (embora de uma maneira geral sejam mais indicadas para surfistas experientes), desde as praias de areia de São Miguel e Santa Maria, aos picos de fundo de rocha que existem no Pico, Flores, Graciosa e na Terceira, onde existe uma das ondas mais famosas do arquipélago: a onda de Santa Catarina. A Fajã da Caldeira de Santo Cristo, na ilha de São Jorge, um local isolado, é considerada ainda um paraíso escondido e um dos melhores locais do arquipélago para o surf e o bodyboard. ● A.P.C.







capa

menos de 50 por cento, sendo o resto avançado pela própria câmara).

“Vai ter quartos com os nomes dos grandes surfistas mundiais”, anuncia, entusiasmado, o presidente da câmara, avançando pela estrutura de madeira ainda em obras. Era para ter ficado mais próximo do mar, mas o espaço possível era este e decidiram, apesar da distância, manter a torre para ver onde é que há boas ondas.

São Miguel, Açores

O sol já baixou e é praticamente noite na praia de Santa Bárbara, na ilha de São Miguel, Açores, quando Duarte Correia, 38 anos, e o filho, Jácome, de 12, saem da água, com as pranchas debaixo dos braços, o cabelo muito louro de Jácome a destacar-se à distância.

Todos os dias os dois aparecem naquela ou noutra praia de São Miguel onde haja ondas, para surfar. Entram dentro de água, Jácome começa a praticar as suas manobras e ao longe o pai vai-lhe fazendo sinais com a mão – bom, médio, muito bom.

Duarte veio “importado” para os Açores, conta, sentado na esplanada do bar Tuká-Tulá. “Já fazia surf em Peniche e uma das razões para ter vindo para cá foi o mar e a possibilidade de usufruir de alguma qualidade de vida.” Jácome nasceu aqui e, com sete anos, já andava nas ondas. “Famos para fora, para a rebentação, eu empurrava-o, ele punha-se em pé e andava na onda. Depois começou a fazer sozinho, foi ganhando autonomia, evoluiu”, explica Duarte, enquanto Jácome sorri, entre o orgulho e a timidez.

Há razões para o entusiasmo de Duarte: o filho acaba de ganhar o Rip Curl Maxibon Grom Search 2011 (categoria sub-14), no início de Junho na Costa de Caparica, tornando-se assim no primeiro surfista açoriano a ganhar um título a nível nacional. E foi, entretanto, convidado a entrar para a equipa da Quiksilver Portugal.

Ou seja, as coisas começaram a ficar mais sérias e Jácome está actualmente a fazer dois a três treinos por semana com Ricardo Ribeiro – mais conhecido como Xolim –, faz treino físico específico e natação, para além do *free surf* sempre que tem vontade, o que geralmente quer dizer todos os dias.

Viver nos Açores significa ter os Areais de Santa Bárbara para surfar, e não ter um mar superlotado. Mas significa também que nas ondas só encontra surfistas mais velhos – “no continente é mais fácil por um lado, porque é tudo gente da minha idade, mas é mais difícil por outro, porque há gente da minha idade que surfa bastante bem”, diz. O pai fala dos custos e da falta de apoios para as viagens – de cada vez que Jácome participa num campeonato no continente, é a família que arca com as despesas (à excepção do Circuito Nacional de Surf Esperanças, para o qual tem o apoio do Clube Naval de Ponta Delgada).

Mas viver em São Miguel tem outra grande vantagem: é aí que se realiza o campeonato Azores Island Pro e foi isso que permitiu a Jácome entrar no mar ao lado de estrelas como o decacampeão mundial de surf Kelly Slater e fazer *free surf* ao lado de alguns dos seus heróis. É assim que vai aperfeiçoando o estilo. E como é o estilo de Jácome? “Fluido, *soft*, com radicalidade q.b.”, resume o pai, explicando que “a maneira de ser também se vê dentro de água”. Jácome é mais conciso: “Faço surf à minha maneira”, diz, com um sorriso.

Ricardo Ribeiro, o Xolim, treinador de Jácome, está no Clube Naval, onde trabalha na escola de surf criada em 2009. Nasceu no Algarve – em Vila Real de Santo António, “na *flatland*”, terra onde nunca há ondas. Fazia quilómetros, na verdade fazia o Algarve inteiro, para ir até Sagres surfar. Aqui em São Miguel, para onde veio para estudar Relações Públicas e onde vive há oito anos, não tem esse problema. Se não há ondas num lado da ilha, há no outro, e em 15 minutos está lá. Neste momento está a preparar uma *surf trip* para ir com os alunos a Santa Maria. “Eles têm de aprender a surfar em todos os tipos de ondas.”

Mas só nos últimos anos é que as coisas começaram a mexer nos Açores. “No ano em que cheguei, não tinha ninguém para surfar”, recorda. Depois de ter ido tirar um curso de treinador de surf e bodyboard a Sines e de ter regressado, o panorama tem-se vindo a transformar. A escola do Clube Naval tem neste momento 32 alunos e os Açores já têm oito atletas a nível regional. “As coisas estão a crescer, mas de uma forma saudável. E julho que os Açores estão a ir na direcção certa, até porque temos uma base de conhecimento que nos faz não cometer os erros dos outros.” Que tipo de erros? “Por exemplo o da massificação das escolas de surf, como acontece já em vários sítios no continente, e que acaba por criar problemas entre os *soul surfers* e os institucionais.”

Os Açores não correm tanto esse risco. Até porque, “nunca serão um *super spot*, não têm uma onda de classe mundial”. Além disso, “há o preço das passagens, que faz com que talvez seja mais barato ir às Canárias ou à Madeira surfar”. Acredita, no entanto, que há um grande potencial de crescimento local – “o *boom* já começou a acontecer, e as grandes marcas vão acabar por investir aqui” – e que em termos de turismo será uma boa aposta ter um pacote que junte várias actividades ligadas às ondas e à natureza – “um pacote só ligado ao surf é complicado porque as pessoas podem vir uma semana e não apanhar um dia de ondas boas”.

Ter o campeonato é óptimo – “uma vez por ano, temos cá alguns dos melhores surfistas mundiais”. Mas pensar que os surfistas de topo, aqueles que viajam pelo mundo à procura das melhores ondas, vão correr para os Açores é demasiado optimismo. “Quem viaja para apanhar ondas quer investir o dinheiro da melhor maneira, quer mesmo apanhar ondas boas, e os Açores não oferecem essa segurança.”

Pedro Arruda, surfista e delegado de Turismo de São Miguel, está convencido de que as condições que existem nos Açores são mais do que suficientes para justificar um Plano Estratégico para os Desportos de Ondas no arquipélago – plano, aliás, já pensado pela União de Surfistas e Bodyboarders dos Açores (USBA).

“Historicamente, nos Açores nunca houve uma relação muito estreita com o mar”, explica Pedro. “Estamos muito perto de zonas de baixa pressão e por isso as ilhas não apanham ondulações tão bem formadas. A vantagem é que temos ondas muito fortes.” A verdade é que, apesar de há muitas décadas os militares americanos estacionados na Base das Lajes aproveitaram as ondas dos Açores para surfar, os locais só muito mais recentemente é que se aventuraram a fazê-lo.

Calcula-se que hoje existam nos Açores entre 1000 e 1500 praticantes regulares de surf e de →

Na foto anterior, os alunos de Ulisses, surfista há 32 anos e mentor de um *surf camp*, junto ao mar na prolífica zona da Ericeira

O sul-africano Luke, *shaper* de pranchas de surf, trocou o seu país pela Ericeira: “Esta é a melhor costa da Europa”; abaixo, uma eliminatória do Quiksilver Pro em Ribeira d’Ilhas em Junho de 2011

Um estudo recente concluiu que o surf podia render três mil milhões de euros ao turismo português

bodyboard, a que se juntam entre 500 e 1000 praticantes ocasionais ou sazonais. E se São Miguel tem boas ondas, nomeadamente as de Santa Bárbara, o que a USBA considera “a jóia da coroa dos desportos de ondas nos Açores” são as Fajãs de São Jorge, que constituem um “fenómeno geológico único que permite algumas das melhores ondas do país e da Europa”. Aqui é tudo ainda “muito recente”, diz Pedro Arruda. Só agora é que os desportos de ondas começam a conquistar alguma credibilidade. E há um factor que não se pode ignorar: pela primeira vez há uma geração de surfistas que chegou a cargos onde pode tomar ou influenciar decisões. Não é por acaso que Pedro Arruda está a impulsionar o surf nos Açores.

Foi importante conseguir o campeonato, mas há ainda muito trabalho para fazer. “Falta uma campanha mais estruturada, com visitas para jornalistas especializados.” Mas não se pense que falamos de grandes orçamentos. “Estamos em condições de chegar ao decisor político e dizer que é possível fazer isto com muito pouco investimento.”

No fundo, trata-se de juntar o surf a uma série de outras actividades que são já uma aposta do arquipélago. “Estamos a apostar no mar como um dos eixos estratégicos do turismo. Somos já considerados um dos melhores destinos para a observação de cetáceos”, afirma Pedro, entusiasmado. E a autonomia regional representa uma enorme vantagem, porque em termos de legislação, de protecção de ondas, de regulamentação da actividade dos surfistas, os Açores podem avançar sem ter de esperar pelo continente.

“Não temos petróleo mas temos costa, temos o mar”, diz. “Um património natural que →

capa

está ali, só carece de ser aproveitado e transformado em riqueza.” Mas faz um aviso: “É importante não deixar que a bolha rebente. Se ao fim de dez anos de algum trabalho e esforço as coisas não se estruturarem, há o risco de a minha geração se desinteressar.”

O que é preciso fazer?

É preciso pensar à escala nacional, diz Sérgio Nunes. “Há potencial para desenvolver um conjunto de actividades que vão para além da indústria do surf – se pensarmos na articulação com o *cluster* da saúde, com a dieta mediterrânica, com todas as actividades ligadas ao bem-estar nas quais o país vai ter de se especializar e onde ainda temos preços muito competitivos. Há aqui muito por onde explorar. Mas há muitos passos a dar.”

Se em muitas coisas o país sofre por ser periférico, “do ponto de vista do surf somos hipercentrais”, defende o economista, que trabalhou num plano de acção nacional, juntamente com Pedro Adão e Silva, Ana Horta e Miguel Moreira, entre outros, dedicado ao surf. “Estamos a três horas de Washington e a duas da City [de Nova Iorque], onde há imensos neozelandeses e australianos, grande parte dos quais são surfistas e têm um nível de vida que lhes permite meterem-se numa *low-cost* e duas horas depois estar num dos melhores sítios do mundo para surfar. E somos centrais para a Europa, onde os sítios que competem connosco, o Norte de Espanha, França ou Irlanda, só funcionam em algumas alturas do ano. Nós, se pensarmos só nos 100 quilómetros que vão da Costa da Caparica a Peniche, conseguimos surfar 300

dias em 365, com todos os ventos e tipos de ondas. Isso é extremamente raro e não está a ser aproveitado.”

O problema é que a tal ausência de visão nacional tem-se traduzido em obras que levam à destruição de ondas de grande valor. “Nos últimos dez anos, estragámos dez ondas de qualidade mundial, cada uma com o potencial de render ao país mil milhões de euros por ano. Deitámos fora mil milhões por ano por causa de obras do Estado que não contemplam o surf.”

E recorda o caso do Jardim do Mar, na Madeira, e da luta inglória dos surfistas para evitarem uma obra que levou à destruição de uma onda de qualidade mundial – uma história que é contada no documentário *The Lost Jewel of the Atlantic*, produzido pela Save the Waves, e que é ao mesmo tempo reveladora de um problema muita vezes causado pelos próprios surfistas: ao quererem manter em segredo a localização de uma onda única, impedem que o mundo saiba da sua existência e se possa mobilizar para a salvar a tempo.

Em muitos casos é extremamente difícil corrigir o que se fizeram, diz Bicudo, mas “o SOS está disponível para trabalhar com o Estado, com as universidades e com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil para corrigir o que foi mal feito (uma das áreas que o SOS tem estado a desenvolver é a da criação de recifes artificiais). Uma alteração simples na legislação, que incluísse o surf nos estudos de impacto ambiental, já faria uma enorme diferença”, argumenta.

“Algumas zonas do país já têm os olhos abertos para o surf”, admite Pedro Bicudo. Mas as

acções são muito localizadas. Há sítios a apostar claramente, como Peniche, Ericeira ou Açores, e outros que são locais tradicionais do surf e que começam também a desenhar estratégias – é o caso da Câmara de Almada, que vê no surf uma actividade que “muito pode contribuir para a quebra da sazonalidade” turística, e por isso está a apostar também na realização de uma série de campeonatos nacionais. E há, claro, Cascais, Sagres e a Costa Vicentina, com excelentes ondas e onde se multiplicam as escolas de surf, e o Norte, que tem um potencial ainda por explorar devidamente.

Mas se pensarmos a nível nacional, a iniciativa com mais visibilidade até agora foi o anúncio pela Secretaria de Estado do Desporto da criação de sete Centros de Alto Rendimento de Surf na costa portuguesa, sendo o de Peniche o que está mais avançado. E isso é importante? Miguel Moreira, da Faculdade de Motricidade Humana, o primeiro doutorado em surf, acha que a via da profissionalização é muito importante e não pode ser esquecida no meio de tantos planos.

“O surf é uma modalidade que, comparada com as outras, ainda está a dar os primeiros passos no alto rendimento. Mas temos um projecto de alto rendimento único no mundo, julgo que em alguns pontos estamos mesmo à frente da Austrália.” Surgiu já uma primeira geração de treinadores, entre os quais David Raimundo e Nuno Telmo, com os quais Miguel Moreira trabalhou e que entretanto formaram a empresa Surftechnique.

“Como em qualquer modalidade técnica, deve-se começar entre os cinco e os seis anos,



habituaando os jovens aos meios aquáticos”, explica. “Nós começámos a usar muito a cama elástica que nos permite o controlo do corpo em projecção aérea.” Na faculdade, teve este ano 28 alunos na licenciatura, 26 dos quais eram estudantes do programa de mobilidade universitária Erasmus, “que vêm propositalmente para Portugal porque já temos especialização em surf, algo que neste momento é único no mundo”. Moreira defende que “o treino de surf deve ser feito à imagem de qualquer outra modalidade, tendo em atenção as épocas desportivas, e as carreiras – e esta é uma lógica inovadora”.

É positivo que os Centros de Alto Rendimento estejam a aparecer, mas para Miguel Moreira é preciso perceber como vão ser usados. “Deveriam ter condições para a avaliação física dos atletas. O que eu propunha era que tivessem, para além da sala de musculação, um ginásio com rampas de skate que terminassem num fosso de espuma, uma técnica que estamos a tentar desenvolver na universidade, e que incluam camas elásticas e ainda um tanque para natação com correntes, que permita criar diferentes velocidades da água.” O ideal, sonha o professor, seria terem “uma piscina com ondas”. O que lhe parece é que talvez fosse melhor não ter tantos centros, mas ter menos centros com as condições ideais.

E clarificar as coisas – existe o surf para todos e, separadamente, o alto rendimento. Seria também importante que se regulamentasse as condições para a prática – “neste momento há tanta gente na água que podem começar a acontecer acidentes, chegámos a um ponto em que isto não pode ser totalmente livre”.

O que os surfistas pedem ao Estado é pouco – alguma atenção à legislação, integrar o surf nos estudos de impacto ambiental, reconhecer que o surf existe e tem valor. De resto, dizem, os investimentos privados aparecem por si. “A certa altura a [transportadora aérea *low-cost*] EasyJet tinha uma campanha em que a imagem de Portugal era associada a uma prancha de surf. E foi uma iniciativa deles”, conta Pedro Bícudo. Por isso, o que o responsável do SOS Salvem o Surf tem para pedir em primeiro lugar é muito simples: “O mais importante que o Estado pode fazer pelo surf é parar de estragar ondas, e em seguida recuperar as que estragou nos últimos dez anos.”

Porque, afinal, o surf é isto – as ondas. Diz Bruno Barros, com o Baleal em fundo, debaixo de uma chuva miudinha: “Quando se está a fazer uma onda, não se pensa em mais nada.” E na Ericeira, António Batalha tenta explicar-nos o mesmo: “O surf começa a sentir-se na pele.” Se está algum tempo sem surfar, ou se se começa a questionar se não estará a dedicar-lhe demasiado tempo, basta-lhe entrar na água. “Apanha-se a onda e percebemos que nem devíamos duvidar. É lindo.” ●

apc@publico.pt

A Pública viajou para os Açores a convite da Delegação Regional de Turismo de São Miguel

Duarte e Jácome Correia representam duas gerações do surf português e escolheram os Açores como o seu spot

live&
share*

SAMSUNG

É tudo o que
você espera
e muito mais.



▲ Vivido *viva e partilhe

VIVID
Super AMOLED Plus 4.3"

www.samsung.pt

Samsung
GALAXY S II